

A coisa mais importante na vida é a escolha duma profissão
PASCAL

ANO V — N.º 125
JULHO
1957

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
LOULÉ
Telefone 216



Loulé à vista

A maneira dos antigos sionistas, que iam todas as tardes junto das muralhas de Jerusalém carpir as desditas do povo hebraico, assim no nosso último artigo com o título que sobre estas mesmas colunas estivemos a lamentar a falta dum plano de urbanização segundo o qual a Vila teria crescido regularmente, geométricamente, aproveitando o espaço em construções adequadas. Não vamos hoje repetir a mesma jereiniana, não porque a ideia não esteja do mesmo modo viva e palpitante, mas apenas porque não queremos magar o leitor, se porventura algum tivermos.

Vamos, porém, apreciar o facto sob outro aspecto. Como não podemos pegar no Largo Dr. Arriaga (vulgo Manuel da Mana) e colocá-lo no sítio das Romeirinhas, assim como não podemos deslocar o lugar de Campina e pességalo na horta do Ferregal, ou ainda puxar uma daquelas ruas que vão ter à fábrica Moagem Louletana e estendê-la a todo o comprimento da Rua das Laranjeiras, operações aliás pouco recomendável visto que no lugar desta última arteria e suas vizinhanças deve erguer-se um bairro de prédios altos e bem construídos, limitando-nos a testemunhar factos e tirar deles ilações, ajustando-as às realidades.

A Campina é hoje um lugar fluorescente, com tendência a desenvolver-se num ritmo acelerado; ou-

trotanto, porém, não sucede àquela parte da vila que fica a poente do antigo Largo de S. Francisco (hoje Dr. Oliveira Salazar) onde a vila se processa num clima sonolento e calmo. Pois quer um quer outro ponto carecem, naturalmente, de melhores condições de abastecimento, de maiores facilidades na aquisição daquilo que se compra diariamente na Praça.

Sabe-se lá a perda de tempo e o incômodo que sofre uma dona de casa que tenha de deslocar-se todos os dias destes bairros estre-

(Continuação na 4.ª página)

Grupo Folclórico de ALTE

Com geral agrado, exibiu-se em Evora, no dia 27 de Junho, o Grupo Folclórico de Alte, por convite da Câmara Municipal daquela cidade.

Nos dias 28 e 29, este já famoso agrupamento folclórico exibiu-se na vila do Montijo, colaborando assim nas grandiosas festas de S. Pedro que aquela progressiva vila vem realizando desde há anos, com crescente entusiasmo e imponência. Todos os componentes regressaram encantados com a maneira carinhosa e hospitalaria como foram recebidos pela incansável e intrépida Comissão das Festas e por todos os montijenses, e pelos aplausos ali recebidos.

Crónicas de Espanha

A outra Sevilha

Estoqueado o último «Miura» da temporada na areia de La Maestranza, à imagem dos dedos quedados sobre o redondel de uma pandeireta, finda a dança «jítona», Sevilha emudeceu.

Todo o oiro, sol e sangue da sua afição e do seu flamenco perderam-se na cotação da Bolsa do temperamento latino.

A gritante luz primaveril de «la Féría» sucede o cinzento paro de um Outono de «La Touch».

Sevilha despidu as valonas estampadas de gerânios, cravos e rosas pelo melancólico de um ceremonial de dama aristocrática.

A peneta e o manton que caracterizam essa andaluza nas tardes de Semana Santa, cederam o seu lugar—repousam agora no guarda-roupa da mulher de Sevilha.

Já não há Carmens de vestidos folhados à garupa dos lazões de raça, como não há Gallitos e Belmontes em trajes de «lutes», vivendo as faenas mais emocionantes.

Sevilha, esse estonteante Bazar Espanhol guardou as «tonadillas» e os «diestros» à falta de luz própria para expôr...

Como não há sol primaveril, apenas restam de todo esse corso muito sevilhana as iluminuras dos bric-a-brac da Calle de Sierpes.

Depois dos «passos» das faenas delirantes e do flamengo arrebatador, a «jítona» de sempre transfigurou-se; trocou as vestes

garridas de Carmem pelo veludo cerimonioso das grandes noites de arte e surge nos pátios tradicioníssimos como D. Juan Tenorio e D. Juan de Maracaña para ouvir Rossini, Shakespeare e Rimskykorsakoff.

Após uma Primavera de «bruma», um Outono de concentração—a música clássica o ballet, o teatro e a ópera, a que não faltam «Rosina», o «Conde de Almaviva», o «Figaro», «D. Basilo»—toda a vida da sua vida, de que se sente saudosa séculos volvidos.

O Parque Maria Luisa despidu os estampados de natureza vivas dos gerâneos, das malvas e das rosas, para ser cedido a Moliere, à interpretação de «Macbeth» pela Companhia Valdes. Hoje a sua flora é feita de luzes, panejamento.

(Continuação na 4.ª página)

Luis Sebastião Peres

Tivemos o prazer de abraçar na nossa Redacção, o nosso estimado comprovinciano e valioso Redactor do nosso jornal em Lisboa, o jornalista Luis Sebastião Peres, que se encontra no Algarve a organizar um Número Especial de um importante jornal da capital, dedicado à nossa província.

Associação de Assistência à Mendicidade

Parece o chover no molhado a nossa insistência em certos aspectos do problema que nos traz ocupados. Não porque careça de razão o assunto que tratamos, não porque ele não tenha a aprovação e o aplauso de quantos se preocupam com estes assuntos, mas sim pelo hábito inveterado, pelo costume que faz lei, pela indiferença de uns e pelo desrespeito de outros pela vontade de uma população inteira.

Constituiu-se a nossa Associação há cerca de sete anos, e entrou em exercício há quase quatro anos; a sua necessidade foi unanimemente reconhecida e a sua criação recebida com aplauso e fagulhas esperanças de que iria resolver-se de vez um problema local que nos inferiorizava como terra caridosa, mas ao mesmo tempo morigeradora e progressiva.

A mendicidade pelas portas e ruas da vila era de uma tristeza confrangedora, para quem a contemplava, e rebaixava-nos na categoria de terra que deseja desenvolver-se e progredir.

Meteram-se ombros à empresa, e, ajudados pela boa vontade de muitas pessoas e pelo auxílio nunca regateado de inúmeros particulares e das entidades oficiais, o resultado está patente. Tratam-se os mendigos infinitamente melhor do que eles se podiam tratar, têm alimentação farta e saudável e a horas certas, e outras ajudas de roupa, tabaco, petróleo e sabão, muitos retomaram antigas profissões próprias que haviam abandonado para se entregarem à mendicidade que outra coisa não era a pedincha a que se dedicavam, outros procuram no trabalho honesto e morigerado o que pediam à ociosidade e ao vício.

O aspecto da vila é outro.

(Continuação na 3.ª página)

Actividades da Casa do Algarve

Com um animado Baile dedicado aos Santos Populares e que se prolongou até alta madrugada, encerrou a nossa Casa Regional, em Lisboa, no sábado último, as suas actividades na presente época, as quais recomeçarão em Outubro, próximo.

Conforme fora anunciado e perante uma numerosa e selecta assistência, foi feita a entrega, pelo Presidente da Comissão de Festas da «Casa do Algarve», Maestro Pavia de Magalhães, da taça «Beleza Regional 1957», à gentil menina Natércia Fernandes, título brilhantemente conquistado como representante da «Casa do Algarve», no concurso organizado pelo «Cruzeiro Musical» entre as várias Casas Regionais existentes na Capital. A Direcção da Casa ofereceu um lindo ramo de flores que lhe foi entregue pela Ex.ª Senhora D. Esther Neves Franco, tendo o sr. Major Mateus Moreno, Presidente da Direcção, proferido algumas

(Continuação na 4.ª página)

CANTINA ESCOLAR de Loulé

Com a devida vénia e o mais vivo aplauso transcrevemos do nosso prezado conterrâneo sr. José Guerreiro Neto, que tomou de empreitada a construção da Cantina Escolar de Loulé, já foi iniciada há dias esta importante obra, estando os trabalhos a executar-se com a costumeira rapidez e proficiência que este conhecido empreiteiro louletano emprega na sua actividade profissional.

A Cantina, que se situa junto à Escola Feminina da Campina de Cima, é do tipo das maiores construídas na província tendo capacidade para comportar alunos correspondentes a 8 salas de aula. O seu custo está orçamentado em 174.074\$00.

Vê assim a nossa vila satisfeita uma antiga aspiração com este importante melhoramento. E as suas benéficas consequências são de tão grande valor material e moral, que é caso para todos os louletanos sinceramente se congratularem e manifestarem o seu entusiástico regozijo por mais esta feliz realização do Plano dos Centenários.

O comércio em Lisboa existe em excesso

Há em Lisboa estabelecimentos comerciais em excesso—afirma a Associação Comercial de Lisboa: para cada 25 lisboetas—um estabelecimento.

Iluminação pública

Desde há algum tempo que vêm sendo feitas experiências no sentido de beneficiar o sistema de iluminação da nossa vila. Ultimamente, com carácter definitivo, foram substituídas em várias artérias as lâmpadas vulgares que lá existiam por outras de mercurio.

Estão neste caso o Largo Gago Coutinho, Praça da República, Largo Dr. Bernardo Lopes e Praça Dr. Oliveira Salazar e o jardim da Matriz.

Depois de beneficiarem deste importante melhoramento o seu aspecto nocturno é mais atraente e põe mais a evidência a falta de luz que ainda se nota em algumas artérias.

Eng. Dr. José António Madeira

Justa confirmação do valor da obra de um grande cientista português

antes de qualquer grande rotativo a grata e honrosa notícia que é de consagração da pessoa que em Abril homenageámos nestas colunas.

Em Outubro de 1954 realizou-se o 6.º Congresso Internacional de Cronometria ao qual acorreram centenas de congressistas, entre os quais inúmeros astrónomos, e entre estes M. Th. Weimer, do Observatório de Paris, que apresentou uma comunicação intitulada: «Controle de la rotation de la Terre par le mouvement de la Lune».

Esse estudo baseia-se nos trabalhos de Spencer Jones, astrónomo Real de Greenwich, Dr. N. Stoyko, Director do Serviço Internacional da Hora, e no trabalho do Eng.º Madeira: «Les occultations d'étoiles para la Lune dans l'étude des irrégularités à court periode de rotation de la Terre».

Só agora chegou ao meu conhecimento o trabalho do astrónomo Weimer e na certeza de que é inédita a notícia em jornais ou revistas portuguesas, apressamo-nos a cumprimentar o colega e amigo, orgulhosos de virmos como lá fora continua a ser consagrada a sua vasta e valiosa obra e a esta homenagem se associa gostosamente o «Correio de Coimbra» que ao ilustre Engenheiro Geógrafo apresenta os seus cumprimentos.

J. de Sousa Brandão

Ocupando o primeiro lugar

Angola ocupa agora o primeiro lugar na lista dos exportadores de café para os Estados Unidos, entre todos os países africanos. Na lista de todos os países mundiais, Angola ocupa o quinto lugar. No último ano, as exportações angolanas de café para o mercado norte-americano atingiram a soma de 943.000 contos, números redondos.

Cabaco para Portugal

2.555 toneladas de tabaco comprou Portugal durante o primeiro semestre de 1956. Essa importação custou 52.662 contos.

Conheça a nossa terra



ANO I
N.º 16
7 JULHO
1957



Correspondência
para
Casimiro de Brito
Rua Bocage, 140
FARO

Papéis Antigos (2)

A Escola que pedimos: A Escola em beleza

Ama-se o Bem porque é belo. Só pela contemplação do Belo, em todas as suas formas e desde a mais tenra idade, se ensina o Bem. É por uma pedagogia da Beleza que se moralizará a humanidade. Mau sinal quando a rapaziada foge da escola, mau sinal quando alunos e professores estão mortinhos pela hora da saída. Escola activa, escola em beleza, escola do futuro.

Um lugar para o escritor

Ajude-se o escritor a viver a sua vocação, dentro do possível. Não pedimos a lua, mas o razoável. Algumas das ocupações que hoje absorvem grande número de indivíduos des categorizados, deveriam estar, com toda a justiça, nas mãos de quem o merecia. Indicaremos algumas que, embora um tanto afastadas dum objectivo mesmo medianamente ideal, ainda podem constituir menor angústia do que as profissões inteiramente desligadas do universo intelectual: editoriais, livrarias e bibliotecas.

Em última análise são profissões de rotina, mecânicas, impróprias para emprego de espíritos rebeldes e sensibilidades incomuns. Mas sempre se trata de conviver com os livros, de lidar com eles, numa ou doutra maneira. Lembram-se, pois, os editores. É pena que à testa de editores e livrarias se não encontrem os que mais amam os livros porque os criam. É pena que ainda aqui as vocações andem trocadas, comerciantes no lugar de editores, editores em lugares de comerciantes, livreiros absolutamente alheios ao que seja a vida literária e o mérito dum livro.

O Busilis

A Salvação do Mundo, de José Régio, é uma réplica, em forma de teatro, ao documento mais vibrante da contemporaneidade que conhecemos: A Última Oportunidade do Homem, de Bertrand Russel. Calcula-se se viesse em forma soliloquial e directa! Mas veio em forma dialonal. E aí temos aberto o processo da escola contemporânea, nos próprios países que se vangloriam, de mais avanços didácticos. Claro que a didáctica provém dum a metodologia e uma metodologia dum teleologia pedagógica. E nesta é que está o busilis.

Carta a um sacerdote

Do coração te saúdo. Desliga-te do convencional e dá-te à prática cristã. Ama os pobres.

Que seja padre, contanto que o sejas com toda a tua alma. Não te importes com os fariseus. Dá tudo à religião e não lhe pegas nada. Assim se purificará, por ti e com a tua ajuda, a ideia de Deus. E podes, se quiseres, combinar a ortodoxia com amor ao conhecimento, com a liberdade crítica e a adopção independente da tua coerência moral. O mundo pode ser teu, e o Reino de Deus na terra. Assim o queiras.

Terminologia radiofónica

A palavra montagem tem, entre outros, um sentido puramente mecânico. Trata-se dos cortes e do subsequente arranjo desses cortes sofridos pela fita registada. É um trabalho de revisão dum assunto mais ou menos definido e composto. Ainda aqui se distingue muito da acepção que tem em cinema.

Costuma também tomar-se na acepção em que a tomam no teatro: o de encenação.

Montagem como forma radiofónica significativa «a construção sonora dos momentos culminantes de um acontecimento».

Na rádio como no cinema há cenas e planos. A montagem, numa e noutra, consiste em coordenar e ordenar esses planos e essas cenas. No cinema as cenas podem ser filmadas separadamente o que em geral não acontece na rádio. Reparar que, como no cinema, a montagem radiofónica não se limita à justaposição mecânica dos planos e cenas mas é na montagem que reside todo o segredo do movimento, ritmo e linguagem especificamente cinematográfica.

Ora na nossa rádio estamos ainda numa fase em que montagem pouco mais vai sendo do que o trabalho de pôr e tirar discos...

AFONSO CAUTELA

... referenciaremos todas as publicações que nos forem enviadas...

... solicitamos envio de colaboração para esta página...

Elevação

Tenta, ao menos uma vez,
tirar teu vulto
do universo das trevas...

Toca por um só segundo
a pedra filosofal
da consciência humana.

Virá, é certo, a morte
apagar teus passos,
desfazer teu vulto
na escuridão...

Cairás.

Porém, para todo o sempre,
por ti, a Humanidade
gritará:

— PRESENTE!

A. Augusto da Costa Campinas

POEMA

Abracei-te no cais, molhado de silêncio,
naquela noite, sem horas...
Lá estava aquela flor subtil
que te enche o rosto todo
dum amor, cheio de febre,
e os impulsos desconformes
da tua carne...
Não sei onde estava; se era ali
ou numa região verde
onde únicamente crescem os gerânios...
Não sei se te trai ou não.
Apenas sei que te beijei, mornamente,
até ser manhã
e nos misturarmos entre o sol
e a gente que passava, ensonada.

Carlos Alberto Jordão

INCOMODIDADE

Pudesse eu ver os galhos despidos
sem pensar nas crianças anêmicas
e nos velhos curvados!
Pudesse eu ver as folhas vermelhas
sem sentir doer-me
o sangue dos himoptíspes
que tinge todos os outonos!
Pudesse eu ver as algas
Não sentindo enleado no sangue
o desespero de todos os naufragos,
o amplexo escorregadio dos limos,
as rotas traçadas
das naus sem destino!
Pudesse eu tocar as nuvens
sem soltar os pés das raízes
que me prendem a mim!
Pudesse eu beijar as estrelas
sem me queimar no seu calor!
Pudesse eu calejar-me toda
sem sangue, sem esforço, sem luta, sem suor!

Ah! pudesse eu desfazer o sonho
e o sonho desfeito à vida ofertar
que só então teria um lugar humano
no mundo das gentes onde sou a mais.

MARIA ROSA COLAÇO

Poetas espanhóis

SOMBRA

Al director de CALETA José Manuel
García Gómez

Oye, José Manuel: Cuando las sombras
se estirazan, se empinan y se densan,
haciéndome común con el silencio
y plomo en la conciencia,
cuando el látilo negro de las sombras
derriba a la energía de los cuerpos,
no se te queja el alma?... no se corva?

A mí, José Manuel, se me derrite
el calcio de los huesos,
la cruz que sobre el alba me resiste
y el oro de los sueños.

Las sombras se me agarran, como pulpos,
llenándome de hormigas los tendones,
haciéndome caer en los apuros,
cortando hasta la espiga de mi nombre!

Murciélagos de voces sin sonidos
me llegan a las lindes del deseo,
haciéndome exclamar: La luz, Dios mío!
Alumbra los subdios de mi hastio
que estoy ciego del alma y el manteo!

M. OSTOS GABELLA
Valencia — Espanha

RECORTES

... «Paralelamente quisera que a filosofia da ciência ampliasse o seu raio ou tomasse da filosofia da arte as suas humanas preocupações. A ciência obedece a métodos objectivos e visa à conquista de verdades impessoais e puras de aderências emotivas; a arte segue a inspiração livre do artista e visa à criação de uma ficção, em que se expressa certa maneira de ver e compreender o homem e as relações dele com o universo, e também algum propósito de julgar e emendar. A própria imobilidade ou inalterabilidade da obra de arte, em meio de um mundo fugente, já denota veleidades de prender o tempo nos seus instantes de maior comoção e beleza. Portanto, ciência e arte, todas as formas de uma e outra são direções do conhecimento — e do conhecimento das mesmas coisas, homem e universo. Como se desentranha o núcleo filosófico da música e da poesia, deve-se devassar a vibração filosófica da pintura e da ciência...»

FIDELINO DE FIGUEIREDO

... «A mais bela e a mais profunda emoção que nós possamos experimentar é a sensação mística. É o germão de toda a verdadeira ciência. Aquele a quem esta emoção é estranha, que já não tem a possibilidade de se deslumbrar e de ser atingido pelo respeito, é como se estivesse morto. Saber que aquilo que nós é impenetrável existe realmente e se manifesta através da mais alta sabedoria e da mais alta beleza, sabedoria e beleza que as nossas fracas faculdades sómente podem compreender na sua forma mais primitiva, esse conhecimento, esse sentimento está no centro da verdadeira religião.»

... «A minha religião consiste numa humilde admiração pelo espírito superior e sem limites que se revela nos mais miúdos pormenores que só podemos perceber com os nossos espíritos fracos e frágeis. Esta profunda convicção sentimental da presença de uma razão poderosa e superior que se revela no incompreensível universo — eis aí a minha ideia de Deus.»

EINSTEIN

Impressões de Leitura

Um homem na sua humanidade

De Fidelino de Figueiredo

Passado um ano sobre a publicação deste livro do ilustre erudito Fidelino de Figueiredo, foi-lhe conferido o prémio «Diário de Notícias», criado este ano.

Não foi propriamente a obra presente que foi galardoada com o prémio referido, mas sim os cinquenta anos de vida intelectual de Fidelino de Figueiredo, através de uma bibliografia composta por mais de quarenta volumes — património de imenso valor entre o panorama das letras nacionais.

«Um homem na Sua Humanidade», continuação de «O Coleccionador de Angústias» e de «Música e Pensamento», é um documento humano de valor inestimável. O autor entra em especulações filosóficas com aquela simplicidade, todavia firmeza, que caracteriza toda a sua obra.

«Um Homem na Sua Humanidade» exprime toda a grandeza e toda a miséria do bicho-homem, desses «...pobres bichinhos a fervilhar sobre um grão de areia que voga por aí em vertigem tonta». Talvez o ponto culminante da obra de Fidelino de Figueiredo, a expressão dum espírito filosófico, em busca da verdade, procurando talvez conformar-se com o nevoeiro envolvente... «vale a pena ser desgraçado se a nossa desgraça, para os outros, floresce em beleza e frutifica em verdade.

«Um Homem na Sua Humanidade», do Prof. Fidelino de Figueiredo, é um livro incomparável pela beleza que floresce e pela verdade que frutifica.

Ciclone na Jamaica

Romance de Richard Hughes

Ciclone na Jamaica, de Richard Hughes, é sem dúvida um excelente romance. O escritor inglês seguiu uma estilística ao mesmo tempo pessoal (nas suas particularidades) e enraizada ou derivada da obra dos melhores nomes da literatura inglesa, talvez desde esse incomparável Charles Dickens.

As suas crianças — as principais personagens do seu romance — lembram-nos, algumas vezes, o Pip quando miúdo do «Grandes Esperanças». O humanismo, ou melhor, o verismo na obra de Hughes, ao focar o mundo das crianças, leva-nos por momentos a esquecer que não é um escritor, homem feito, que nos está a contar uma história de crianças, mas sim as próprias crianças, contando ao homem-escritor as suas aventuras, os seus pensamentos mais íntimos, sempre à volta do barco de piratas e dos locais mais ou menos excentricos por onde passaram.

O aprofundamento psicológico de Hughes é talvez a faceta mais importante deste Ciclone na Jamaica. E tanto mais importante se considerarmos que se trata de desenhar crianças, e todos nós sabemos — que o mundo das crianças é um mundo essencialmente diferente do mundo dos adultos. Por isso mesmo, Emilia, quando lhe pediu para descrever o assalto dos piratas limitou-se a dizer: — «Havia lá um macaco...»

Ciclone na Jamaica é um romance singular e Richard Hughes é apenas o homem — que — vê, sem se entusiasmar excessivamente, e que nos descreve o esfaqueamento dum homem por uma menina de dez anos com a mesma naturalidade com que nos fala dos preciosíssimos paisagísticos ou da menina que foi atirada pela borda fora pelos piratas. Calma britânica, de um efeito sempre original — em Hughes extraordinário.

Enfim, é uma obra que nasceu de um trabalho persistente (em vinte anos de trabalho, Hughes, apenas escreveu 7 livros) e que, sem dúvida, persistirá como um passo firme em frente na moderna literatura de ficção inglesa.

Tradução cuidada de Cabral do Nascimento.

(Editorial ESTUDIOS COR)

A Harpa de Ervas

Romance de Truman Capote

Depois de Other Voices, Other Rooms, o jovem escritor norte-americano Truman Capote, aparece-nos com The Grass Harp (A Harpa de Ervas). Trata-se, sem dúvida, e como seria de esperar, de outro sucesso literário.

Truman Capote, que logo aos vinte anos revelou uma preciosidade invulgar, alcançou um lugar nas letras americanas de merecido destaque. A estilística do jovem escritor é de uma virtuosidade notável. Poeta-romancista, pois este seu romance pode classificar-se como um grande poema em prosa. Línguagem rica, a de Truman Capote: é um desfilar de figuras de retórica — imagens belas, quase sempre felizes, prendendo o leitor, e levando-o a interessar-se pelas coisas mínimas.

A Harpa de Ervas não é uma história que nos interessa pela história — porém, o humanismo que Truman Capote dá às suas personagens, a simpatia que de todas elas, até das que actuam do lado contrário, Capote consegue extraír, tornam esta história de facto interessante.

Tudo leva a crer que, dentro de mais alguns anos, o jovem Truman Capote será um dos principais nomes da literatura americana contemporânea.

Tradução e prefácio de Cabral do Nascimento.

(Editorial ESTUDIOS COR — Lisboa).

Canções do Vento

Poesia de Antunes da Silva

«Canções do Vento» é o segundo livro de poesia de Antunes da Silva. No entanto o autor já publicou quatro livros de contos, tudo isto mais que suficiente para lhe conferir um lugar de destaque na nossa literatura actual.

Ora profundamente enraizada na terra e nos homens que dia-a-dia labutam nela, atinge um humanismo e um verismo assinaláveis. Na poesia, Antunes da Silva, evoca-nos a imagem desses grupos de montanheses valentes, desses escravos e heróis da gleba, que cantam apesar de tudo, que cantam quando a sua condição servil mais se aproxima da realidade que só as lágrimas podem exprimir. O cantar, porém, não significa só alegria... É expressão, e a expressão não se limita, não se aprisiona...

Antunes da Silva é mais um poeta do povo, desse povo que rasga e que apenas roga:

Agua para curar a sede

E pão para matar a fome.

desse povo heróico que vive e não morre / e por nós se há-de vingar!

Entretanto Antunes da Silva crê na poesia, do mesmo modo que crê no povo; talvez porque a poesia é a própria voz do povo...

Dói-me o vento que da terra irrompe

Na força átila das papoilas novas.

Poetas! Erguei a voz e cantai juntos,

Que a Natureza agradece o nosso canto!

«Canções do Vento» é pois um livrinho de poesia que continua a problemática humana e profundamente interior do seu autor (um «interior» vivendo, alegrando-se e sofrendo, com as imagens captadas dum «exterior» incomprensivelmente errado).

CASIMIRO DE BRITO

*Os alfaiates
completam de certo modo
a obra do Criador
— disse PIO XII*

Falando ao IV Congresso Internacional de Alfaiates, há pouco reunido em Roma, o Santo Padre considerou-os privilegiados, por terem um ofício que vai conseguindo escapar à escravidão da produção em série e à «estandardização» do trabalho, «tão nociva ao seu valor espiritual».

Prosseguindo, salientou que aos alfaiates cumpre a missão de, por assim dizer, completarem a obra do Criador, fornecendo aos seus semelhantes o vestuário de que necessitam.

O Papa referiu-se ainda às características do vestuário, por que se distinguem as pessoas, e ao carácter verdadeiramente estético do ofício de alfaiate, exaltando o lugar de honra que sempre terá «a obra singular», para cada freguesia.

Depois, Sua Santidade falou do luxo provocante, que desconhece todo o pudor. «Em vez de elevar e enobrecer a pessoa humana, o vestido muitas vezes tende a degradá-la e a envilecer-las. — disse.

A propósito, observou a parte de responsabilidade dos alfaiates quanto às modas e o seu dever de respeitarem as normas da decência, do bom gosto e de uma elegância bem entendida e perfeitamente honesta.

Vinho de Lagoa
Da Adega Cooperativa
**Ginginha e Eduardino
dos Portas de St. Antão**
As melhores bebidas do País
Vende por atacado e a retalho
M Brito da Mana
Telefone 18 LOULÉ

S O N H O
A Luís Sebastião Peres

*Eu comecei a sonhar
Colóquio afável e belo.*

Vi telas primorosas mas imaginárias.

*O mundo aureolado, argênteo,
Resplandecer ao sol da formosura.*

*Vi a chama do mal tornada cinza
E a do bem tornada luz,
As almas sem e pecado,
O amor ser amor e não cobiça, prazer
Mas não vi nesta loucura de sonhar
O irrealismo geral
Que havia neste sonho encantador!*

SOTERO CABRITA

maneira doida. Alguma coisa de extraordinário se estaria a passar, certamente. Então a folia emudeceu e tudo correu para os estábulos, onde os bois mugiam roufanhamente e tão alto que o som se ouvia por montes e vales; mas ninguém atinava com remédio algum. Experimentaram-se artes mundanas e religiosas, mas tudo em vão, e antes do cantar do galo, a morte tinha prostrado no estábulo todos os animais. Acabara ali o som horroroso dos bois agonizantes, mas mais além já se ouviam na cabana vizinha os mesmos urros agónicos que se espalhavam depois por toda a terra. O gado pedia dolorosamente aos seus donos que os salvasse, entre estertores duma aflição horrível.

Tudo corria afitivamente em todas as direcções, como se as chamas dum pavoroso incêndio lambessem aquela casa, mas remédio não traziam nenhum, e em toda a parte a mortandade se manifestava. O próprio sol que estava tão alegre, quando abandonou o vale, olhava agora com compaixão para os homens, que enchiham de uivos agudíssimos os reconcosados do vale.

E foi só aos primeiros alvores da manhã que se viram a formigar pelo teto, pelo pasto, pelas paredes, pelas magedouras, inúmeras aranhas negras, e tantas, tantas, que era impossível varrer-las: pegavam-se como enxames aos animais e as suas picadas iam de tal maneira hervadas de peçonha, que o gado espinoteava assarpantado e rouquejante, sacudia-se como se apanhasse choques eléctricos, e acabava por sucumbir.

Parciais nasceram do chão ou do tecto, donde caíam emaranhados montões. Enxotava-se o gado ainda ileso para o prado, mas logo em volta das patas começavam a desenrolar-se grandes rodilhões de estrelas negras, que trepavam ágilmente pelas pernas dos animais. Estes erguiam a cabeça para o céu e arreganhavam a boca em relinchos ou mugidos indiscritíveis. E todos estes aranhaços se pareciam com aquela que se escondera novamente na face de Cristina, como os filhos com as mães.

Os gritos alucinantes dos animais envenenados produziram alarme no castelo: notícias ali chegadas contaram a hecatombe; e foi então que von Stoffeln soube do pacto feito com o caçador e como pela segunda vez o tinham enganado, e que as aranhas eram tal e qual as aranha da cara de Cristina, que tinha feito o contrato sózinha com o diabo e nunca tinha dele dado notícias concretas. Corroído de cólera e avarice, trovejou a quem o ouvia que não estava disposto ao menor prejuízo por causa da insensatez dos outros. O gado tinha de aparecer e o que prometeram havia de se cumprir. Nada tinha com os seus pactos com o demónio. Que se aguentassem... senão explica-

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 125 — 7-7-57

**Tribunal Judicial
Comarca de Loulé
ANÚNCIO
(2.ª publicação)**

Pela 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial, desta comarca, e, nos autos de **Execução com Processo Sumário** que Manuel Martins dos Santos, casado, proprietário, residente no povo e freguesia de Salir, move contra António Martins Ramos, solteiro, maior, agricultor, residente no sítio da Califórnia, freguesia de Salir, desta comarca, correm éditos de Vinte DIAS, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os **Credores Descobertos** do referido executado, para, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos termos do disposto no artigo oitocentos sessenta e quatro do Código de Processo Civil.

Loulé, 26 de Junho de 1957.
O Chefe da 1.ª Secção
Joaquim Guerreiro
Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
a) Marino Barbosa Vicente
Júnior

**Propriedade
VENDE-SE**

Por motivo de partilhas, recebem-se propostas para a venda da propriedade denominada HORTA DOS CANOS, que se compõe de terra de sequeiro e regadio com água de rôlo e casa de habitação e de caseiro, confrontando com o Largo das Portas do Céu e a Ponte de Faro.

Dirigir a Viúva de Manuel Moreira — LOULÉ.

**Do que se refere
a profissão das donas de casa**

Dói muito às heroínas do lar ter de dizer que sua profissão é «doméstica», em qualquer ocasião em que devam especificar a profissão ou ocupação. Elas próprias dizem assim se sentem velhas e inferiores.

Infelizmente não são poucas as mulheres que assim pensam e existe mesmo uma revista feminina que não usa nunca a palavra «doméstica», empregando em seu lugar «dirigente do lar». Esta antipatia por uma palavra demonstra a raiva da mulher escondida bem no fundo, pelos serviços caseiros que não deixam de ser humilhantes e sem romantismo, além de rotineiros.

Crêem as mulheres que com a irão alterar alguma coisa. A palavra «doméstica» lembra-lhes vassouras, cozinhas e roupas engorduradas. As que preferem, entanto, trabalho de escritório não se conformam.

Na verdade, poderíamos arranjar outra palavra mais simpática que atribuisse importância à dona de casa. Como exemplo, poderíamos empregar «vice-chefe do lar» ou «vice-presidente», «encarregada da administração interna do lar», «gerente de cozinha», e «conexos». Alguns destes títulos poderiam agradar às mulheres.

No entanto, acho que «dirigente do lar» é o mais sugestivo, porque abrange melhor todos os serviços domésticos, desde o arrumar as camas, cozinhar, lavar e passar roupa, até cuidar das crianças e dirigir as empregadas, e digo empregadas porque já há muitas criadas que não gostam nada desta palavra. Além disso, expressa bem a dignidade, a importância e o planejamento inteligente, indispensáveis para o bom serviço e direcção desta parcela importante da sociedade que é a família.

APLA

Propriedade

Vende-se uma propriedade no sítio do Areeiro (Loulé) com muito arvoredo.

Recebem-se propostas em carta fechada reservando-se o direito de não aceitar caso não interesse.

Dirigir correspondência para Herdeiros de Manuel Martins Entrudo — Estação de Almancil.

C A S A

VENDE-SE uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos, separados, para arrecadação, junto à estrada de São Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo LOULÉ

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 19

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(R O M A N C E)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

riam tudo com capital e juros. Que se acautelasse, pois...

Mas nem muito levemente passava pela ideia do brutal senhor que tinha sido ele com as suas exigências loucas e más que os tinha levado a isso. Para eles iam, pois, todas as culpas, todas as responsabilidades futuras.

O desenrolar tético de todos os acontecimentos levou a maioria das pessoas à convicção de que as aranhas eram uma intimidação ao cumprimento do pacto, e que Cristina tinha ainda algum mistério a desvendar e nada tinha dito. O caçador produzia novamente calafrios e os lábios sarcásticos cerraram-se tremelizantes. Tremiam também do seu senhor mundano e, se desagradasse a esse, o que diria o Senhor Espiritual? consentiria ele em tal pecado sem lhes atribuir pior explicação?

Esperançados em que alguma coisa poderia surgir os homens mais velhos reuniram-se em conselho num palheiro solitário e Cristina também foi convocada para dar relato claro do que tinha combinado. Apareceu severa e ríspida, sedenta da vingança e atormentada pela aranha, que se desenvolvia novamente.

E, quando viu diante de si aqueles homens hirtos e mudos, aguardando as suas falas, contou finalmente como as coisas se passaram, como já nascera mulher alguma ser capaz de fazer. Relatou o gargantiar aliciente do diabo, o celebre beijo a que ligara tão pouca importância como a outros, o desenvolvimento da aranha entre dores infernais desde o primeiro baptizado e, como no momento do baptismo da segunda criança e do batuque de alegria por se julgar ter enganado o demónio, este fez nascer aquele número incontável de aranhas. Que ficassem sabendo duma vez para sempre que é muito mau brincar com coisas tão sérias; disso tinha ela a experiência própria em diversíssimas dores mortais. «Fixem bem», regougaiva ela «a aranha está



CASA ESTRELA

DE
A. A ESTRELA, FILHO, S.º
Rua de Santo António, 61 — PORTO

ARTIGOS RELIGIOSOS

O maior sortido aos melhores preços — Restauro de imagens antigas — Fornecedor das principais casas do País

VISITEM ESTA CASA

Transportes de Carga Louletana, L. da



AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

novamente a crescer e a dor a aumentar; se a próxima criança não for entregue nas mãos negras e diabólicas, ninguém saberá que tenebrosa praga estará eminente nem quão terrível a vingança de von Stoffeln.

Assim falou Cristina, enquanto os homens tremiam e ficavam com a fala presa por muito tempo. Mas pouco a pouco começaram a despegar-se daquelas gargantas secas pelo medo sons inarticulados e, se os juntassem, davam exactamente o que Cristina pensava, mas nem sequer um trejeito de boca houve a dar o seu consentimento, apenas um se levantou para dizer resumida mas claramente: «O único remédio é matar Cristina. Uma vez morta, o Diabo não mais poderá ter domínio sobre ela e com os vivos perder-se-lhe-ia a ligação por não haver contratos». Numa gargalhada selvagem, mas intrépida, Cristina aprimou o rosto dele os seus olhos cada vez mais escuros: «E já. Mata-me que é um favor que me fazes. O Diabo não me quer a mim», prosseguiu com o olhar fuzilante e a bafejar a cara dos outros. Quer uma criança por baptizar, e assim como ele me assinalou com a saliva dum beijo, assim ele pode marcar a mão que me tocar». Um tremor passou pelos nodosos dedos do alvitrite, que se sentou ainda com as falanges em movimentação, a ouvir silenciosamente, as propostas dos outros. E aos tropeços, sem ninguém dizer tudo e cada um dizendo apenas alguma coisa que pouco significava, acordou-se em sacrificar a primeira criança que nascesse. Mas oferecer a sua mão para tal ou levar a crinça ao sítio onde se tinham posto as faias, para isso ninguém dava um passo em frente. Enfim todos se serviram do Diabo para o bem comum, mas ninguém desejava travar conhecimento pessoal com ele.

E mais uma vez a temerata Cristina se ofereceu sem relutância; quem teve negócios com Belzebuth uma vez, pouco mais poderá sofrer das outras. Bem sabiam todos da casa onde estava próximo o nascimento dum ariano, mas tudo se passou como se ninguém soubesse, e o pai não estava presente.

Tendo chegado finalmente todos a um acordo vago sobre a questão da criança, retiraram-se cabisbaixos, cada qual para sua casa. Aquela mulher em plena mocidade, que na tal noite recebera como gotas de fel as notícias que Cristina trouxera da entrevista com o caçador, e que tinha hesitado e chorado sem saber porquê, esperava agora também por um bom sucesso. As ocorrências anteriores não a aliviavam nem lhe davam confiança.

(CONTINUA)

Participações de nascimento

Em modernos e originais
modelos, executam-se na

Gráfica Louletana

Notícias Pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Julho:

Em 7, a menina Ana Bela Lopo Sabino Pencarinha.

Em 8, a sr. D. Albertina Dias Pencarinha e Nelcón Bartolomeu Sousa Pencarinha.

Em 12, as meninas Maria de Fátima Silva Centeno e Adilia Maria Guerreiro e o sr. João Mendes Romão.

Em 13, o menino António José Rocheta Guerreiro Rua.

Em 15, o menino António Henrique Calçada Viegas, residente na Venezuela.

Em 16, a menina Maria do Carmo Viegas de Brito, os meninos José Palma Leal e Fernando da Franca Leal Rodrigues Cebola.

Em 17, a r. D. Rosa Maria Cavaco Guerreiro e as meninas Maria Clementina Leal Marques e Maria Teresa Rocheta Cassiano.

Em 19, a menina Maria Antonieta dos Santos Vaz e o sr. Vital Barros Carrilho.

Em 20, a menina Alice da Conceição Guerreiro.

Em 21, as meninas Leonor Maria Viegas da Costa e Maria Margarida Angelino de Moura e a sr. D. Maria José Rodrigues Piçarra Laginha.

Em 24, o rev. sr. Prior João Baptista Peres, a menina Mara Antonieta Pires Coelho, os meninos Jorge Manuel Cristina Seruca e Joaquim Manuel Cristina Seruca.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Com sua família, deslocou-se a Lisboa, onde foi esperar o seu cunhado sr. Joaquim Corpas Rocheta que regressa de África, o r. Dr. Jaime Guerreiro Rua, nosso estimado director.

— Acompanhado de sua filha Geni, deslocou-se a Lisboa o confeituado comerciante da nossa praça sr. José Domingos Cavaco.

— Em goso de férias, encontra-se em Lisboa acompanhado da sua filhinha e esposa, sr. D. Cecília das Dores Oliveira Calado, o nosso prezado assinante sr. Jaime de Sousa Calado, funcionário da Tesouraria de Finanças desta vila.

— Com curta demora deslocou-se a Lisboa o solicitador sr. Geraldo dos Santos Esteves, nosso prezado amigo e assinante.

— Por motivo do falecimento de seu pai, esteve em Loulé o nosso estimado assinante e amigo sr. Alvaro de Campos Guerreiro, Chefe da Conservação de Estradas, em Sabrosa (Trás-os-Montes).

FALECIMENTOS

— No dia 1 do corrente faleceu nesta vila o sr. Manuel Rodrigues Guerreiro (conhecido por Manuel Paco) de 75 anos, comerciante, natural de Salir, casado com a sr. D. Albertina de Campos Guerreiro, e pai da sr. D. Lídia Campos Guerreiro Matias, e do sr. Alvaro de Campos Guerreiro, residente em Sabrosa (Trás-os-Montes) e sogra do sr. Alexandre de Almeida Matias, residente em S. Braz de Alportel.

— No dia 29 do mês fendo também faleceu nesta vila a sr. D. Etilvina de Sousa Ramalho Viegas, de 51 anos de idade, solteira, natural de Salir, filha de José de Sousa Ramos Viegas, falecido, e da sr. D. Amélia Cândida Ramalho, professora aposentada, residente nesta vila.

As famílias enlutadas endereçamos, sentidas condolências.

Visado pela Com. de Censura

EXCURSÃO

De 26 de Agosto a 23 de Setembro de 1957

A ITÁLIA

Visitando-se: Sevilha, Valência, Barcelona, Nice e toda a encantadora Riviera francesa, Mónaco, Riviera Italiana, Génova, Pisa, Roma, Nápoles, Pompeia, Florença, Pádua, Veneza, Milão, Lourdes, Biarritz, S. Sebastian, Burgos e Madrid.

Em moderníssimos Auto-carros

ORGANIZAÇÃO DA

Agência Peninsular de Viagens e Turismo

Direcção de M. Arcanjo Viegas

Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216 — FARO

Distribuição de prémios na Casa do Algarve

(Continuação da 1.ª página)
palavras de exaltação à beleza da mulher algarvia.

A assistência aplaudiu vibrantemente a homenageada.

Seguidamente, pela gentil Náterica Fernandes, foram distribuídas as medalhas oferecidas pela Comissão de Desportos aos vencedores dos campeonatos realizados no corrente ano entre os sócios da «Casa do Algarve», em Ténis de Mesa e Bilhar, sendo distinguidos os seguintes classificados:

Ténis de Mesa:—1.ª Categoria—1.º António F. Martins da Silva; 2.º Valentim Ricardo V. Dias.

2.ª Categoria—1.º Jorge Ascensão Mendonça Arrais; 2.º José Manuel Rodrigues Laranjeira.

Bilhar:—1.ª Categoria—1.º Joaquim José Palma Figueira; 2.º Manuel Carlos do Vale.

2.ª Categoria—1.º José Martins Ferreira; 2.º Mateus Gomes de Sousa Freitas.

O sr. Daniel Reis, Secretário da referida Comissão, manifestou a sua satisfação pelos resultados obtidos, vaticinando, para a futura época, uma maior actividade entre os desportistas da colectividade.

No decorrer do baile, teve a Direcção a feliz iniciativa de leiloar trinta vasinhos de manjericão, com cravos e quadras de acentuado sabor algarvio, para reforço do fundo de assistência aos algarvios, pobres, que diariamente acorrem em elevado número, à nossa «Casa» tendo a assistência correspondido, generosamente, com cerca de quatrocentos escudos.

A Direcção da «Casa do Algarve», informa, que a exemplo dos anos anteriores serão dispensados do pagamento de joia os novos sócios que se inscreverem durante os meses de Julho, Agosto e Setembro.

Ecos desportivos de Lourenço Marques

(Continuação da 1.ª página)

Durbam, na Província do Natal. Os resultados podem considerar-se excelentes, pois a nossa selecção apenas perdeu contra a do Canadá, vencendo duas do selecções do País vizinho.

Hóquei—Reina grande expectativa e entusiasmo em virtude da visita a esta cidade da selecção da Catalunha, que vem disputar 5 jogos com as 3 melhores equipas locais: Desportivo, campeão de Moçambique; Ferroviário e Sindicato, respectivamente 2.º e 3.º classificados.

Eugénia Soares

Enfermeira-Parteira-Puericultora

Partos ~ Crianças ~ Traumatismos e Injeções

Av. José da Costa Mealha, 38

Telefone 257

LOULÉ

A Voz de Loulé

Loulé à vista

(Continuação da 1.ª página)

mos para alcançar o mercado público, e ai abastecer-se do necessário?

É que não é, muitas vezes, uma viagem por dia; são duas e três, conforme a afluência do peixe, das frutas e de outras coisas que guarnecem o trem de cozinha. Eu bem sei que há o homem da busina que vende sardinha e carapaus, e que há a mulher do gerico que vende fruta e couves, mas tudo isso é pouco em relação às necessidades dumha casa. De forma que tudo indica uma modificação no acesso ao Mercado, e como essa modificação não pode obter-se deslocando o Mercado Central para os pontos já referidos a única forma está em criar-se mais dois mercados, um na Campina e outro na freguesia de S. Sebastião, onde não faltam locais de construção magníficos. Esta freguesia, sobretudo, carece dumha transmissão de sangue praticada através de novas artérias, uma delas será a rua que ligue o antigo Largo de S. Francisco à Travessa do Cerradinho. Ao longo desta rua, ou no princípio dela a partir do Largo, pode ser construído o futuro mercado.

Já que se não operou o arrondamento de Loulé em tempo próprio, de forma a evitar distâncias, que ao menos se não falte com um meio de poupar tempo e evitar incômodos a quem tem encargos de família, tanto mais que esse meio, além de não prejudicar o resto da Vila, ainda vai beneficiar os cofres do Município com a colecta sobre mercadorias que hoje são vendidas à sonega de porta em porta.

E para terminar: não há necessidade de construir edifícios aparatosos, edifícios cuja grandeza em nada beneficiará à clientela, mas construir recinto limpo e higiénico, dispondo do mínimo para que o público seja bem servido.

Gil Brasino

Ecos de BENAFIM

— Encontram-se em gozo de férias nesta aldeia os meninos José Faisca Marim Teixeira e Sebastião José Faisca Teixeira, alunos do Liceu de Faro.

— Regressou da sua viagem de turismo aos Estados Unidos, o nosso amigo sr. Joaquim dos Reis Lopes.

— Depois de um doloroso e prolongado sofrimento, faleceu na aldeia da Penina, a sr. Cecília Guerreiro. Deixou 3 filhas menores.

— Acometido de congestão, quando tomava banho no rio Sado, junto de Alcácer do Sal, faleceu o menor João António Bernardo Silva, natural e residente nesta aldeia de Benafim, filho de Manuel da Silva Seromenho e de Maria Teresa.

VENDE-SE

1 medidora para azeite.
1 moinho de café e vários artigos de mercearia.

Dirigir-se a António P. Guerreiro — Av. Marçal Pacheco, 63 — Loulé.

LEIAI
ASSINEI
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

Crónicas de Espanha

(Continuação da 1.ª página)

tos numa ribalta de teatro setecentista.

Essa Sevilha-Abril-azul, garida de crava no penteado é agora a senhora fidalga dedicada aos problemas de Arte. A «jitanas» mudejar de epiderme tostada pela aventura da farandola, feiticeira de «las callejuelas» recuadas e sombrias, trocou Triana pelo Alcazar. Dá neste momento recepções aos mundos latino e anglo-saxónico—a todos os mundos e a todas as latitudes em serões de arte dispersos por «La Monarca», «Carlos V», «Maria Luisa» e «Lope de Vega».

No seu «dossier-programa» figura nomes de Beethoven, Schubert, Falla, Ravel, Albeni, Chopin, Tschaikovsky, Weber, Strauss e Wagner, a provar a cultura de uma mulher eternamente ciganas, eternamente maravilhosa—paixão de um mundo turístico que a deseja, que a visita e que jamais a esquecerá!

A penetra de «La Giralda», as rendas de «Los Reales Acázares», o angue azul do Guadalquivir, o Barroco da sua graciosidade inescrecível e o Gótico dos seus olhos, compõe o melhor quadro que nem Murrillo, Zurbarán, Velasquez, Greco ou Valdés legaram aos museus, mas que constitue um quadro de Espanha distinto de Aragão, Castelas, Galiza, Navarra, Catalunha—de todas as suas irmãs.

É que Sevilha fez-se Carmem muito antes de nascer espanhola era já uma imaginação da mamá Espanha—dessas mamás que sonham uma filha à maneira do seu gosto—á imagem da boneca com que um dia a prendaram na sua meninice.

Um sonho e um milagre a culminar um grande amor esta Sevilha de todo o sempre...

António Augusto Santos

EDITAL

JOÃO ANTONIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que JOÃO RODRIGUES RAMOS requereu licença para instalar uma moagem de cereais de farinha em rama, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada em Vale Judeu, freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando ao norte com Manuel Coelho de Sousa, ao sul e poente com o requeirante e ao nascente com o Caminho da Estrada Nacional, n.º 125 para o Consequente.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 28 de Junho de 1957
O Eng.º-Chefe da Circunscrição,
João António da S. Graça Martins

Propriedades

Por motivo de retirada, vendem-se 6 propriedades no sitio de Freixo Verde, freguesia de Alte, com sobreiras, oliveiras, alfarrobeiras e outras árvores e terras de semear com casas de habitação.

Tratar com Joaquim de Sousa-Freixo Verde-Alte.

Relação das pescas

efectuadas em Quarteira

por espécies e por artes no mês de Fevereiro de 1957

POR ESPECIES

Bonito e sarrajão, 850\$00; Sardinha, 73.886\$00; Carapau, 6.415\$00; Pargos, 410\$00; Salmo, 1.323\$00; Linguidos e aveia, 159.827\$00; Diversos não especificados, 53.017\$00; Choco, 168.924\$00; Lula, 2.235\$00; Polvo, 15.844\$00; Soma: 482.731\$00.

POR ARTES

Linha e anzol, 3.040, Kg.—22.101\$00; Alcatruzes, 713, Kg.—6.924\$00; Sacada, 2.125, Kg.—11.971\$00; Xavegas pequenas 17.032, Kg.—70.394\$00; Diversos, 44.014, Kg.—326.652\$00; Embardado, outros portos, 9.688, Kg.—44.689\$00; Soma: 76.620, Kg.—482.731\$00.

Revogação de mandato

Pela presente se faz público ter sido revogada a procuração outorgada por MANUEL GONCALVES DOURADO e mulher, MARIA DA ENCARNACAO DOURADO, moradores em 97-15, Allendale Street, Jamaica, Nova York (E. U. A.) em Outubro de 1953, a favor de António Gonçalves Dourado, casado, marítimo, morador em Quarteira.

A notificação da revogação feita ao mandatário em 21 de Junho findo ordenada por despacho do Meritíssimo Juiz desta comarca, datado de 19 do mesmo mês.

O Advogado,

Jaime Guerreiro Rua

A Voz de Loulé — Loulé

N.º 125-7-7-1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANUNCIO

(1.ª publicação)

Pela 2.ª secção da Secretaria Judicial da comarca de Loulé correm éditos de 20 dias, contados da segunda e ultima publicação deste anuncio, citando os credores desconhecidos do executado Francisco António Inocencio, solteiro, maior, sapateiro, residente no sítio de Vale de Figueiras, freguesia de S. Bartolomeu de Messines, comarca de Silves, para no prazo de 10 dias, posterior àqueles dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária mov